

GEARTE – fórum (aberto) aos diálogos entre arte e educação

Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo

(Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Centro Acadêmico do Agreste/ PE, Brasil)

RESUMO – GEARTE – fórum (aberto) aos diálogos entre arte e educação – Para homenagear a maioria do GEARTE elaborei este texto, tomando como referência um ensaio do filósofo brasileiro Sílvio Gallo (2017), que ancorado em Félix Guattari (2012), defende o paradigma estético articulado ao ético, ao político, ao filosófico e ao científico atribuindo à Educação um caráter de Arte. O que torna o trabalho de arte/educar mais denso frente às incertezas que nos desafiam na contemporaneidade. A Revista GEARTE, especialmente, por meio de suas publicações busca enfrentar tal desafio.

PALAVRAS-CHAVE

Paradigma estético. História. Incertezas. Pós-Modernidade.

ABSTRACT – GEARTE - open forum for dialogues between art and education – To honor the majority age of GEARTE, I wrote this text, based on an essay by the Brazilian philosopher Sílvio Gallo (2017), which anchored in Félix Guattari (2012), defends the aesthetic paradigm articulated to the ethical, political, philosophical and scientific assigning to Education an Artistic character. It makes the work of art / education denser in the face of the uncertainties that challenge us in contemporaneity. GEARTE Journal, especially, through its publications, seeks to meet this challenge.

KEYWORDS

Aesthetic Paradigm. History. Uncertainties. Postmodernity.

O paradigma estético permite-nos perceber a educação como arte e, portanto, tomá-la em seu aspecto estético ao lado do ético, do político, do filosófico, do científico, com uma abrangência maior (Sílvio Gallo, 2017).

Ensaio-presente

O GEARTE como grupo de estudos e sua revista em especial como espaço vivo de divulgação do pensamento sistematizado no campo da Arteducação¹, não apenas se aproxima, mas, também, traduz de diferentes maneiras em suas edições o argumento defendido pelo filósofo Sílvio Galo (2017, p. 172): “O paradigma estético permite-nos perceber a educação como arte [...]”. Tal ideia encontra-se no ensaio “A Filosofia e a Formação do Educador: desafios para as licenciaturas”, em uma

¹ O emprego, pelo autor, dos termos “Arteducação” e “arteducador”, foram contextualizados no texto de apresentação.

organização do próprio Silvio Gallo, juntamente com Ralfh Ings Bannell, Luiz Roberto Gomes e Pedro Angelo Pagni, obra intitulada: *Filosofia da Educação: entre a formação de educadores e a qualificação profissional* (2017).

Retirei, portanto, do texto de Gallo, a epígrafe que pode ser interpretada como uma síntese da argumentação elaborada pelo filósofo, argumentação que é declaradamente ancorada no pensamento de Félix Guattari (1930-1992), especialmente na obra *Caosmose: um novo paradigma estético* (2012). O ensaio do filósofo brasileiro dirige o olhar de seu leitor para o quarto capítulo do livro de Guattari, esse capítulo é intitulado: “O Novo Paradigma Estético”.

O estudo da referida produção de Gallo e mais uma ida ao pensamento de Guattari, gerou este ensaio, que elaborei como uma maneira de agradecer o honroso convite de participar dos festejos da maioria do GEARTE. Além disso, agradeço também o fato de ter sido incluído como um de seus membros – o que é motivo não de orgulho, mas de responsabilidade com a elaboração teórica no campo mais amplo da Arteducação de nosso país.

De minha parte, um presente modesto, frente à preciosidade do papel ricamente plural que o GEARTE representa para a comunidade de arteducadores. Reporto-me, especialmente aos brasileiros, mas também, não posso esquecer-me dos estrangeiros, que vêm contribuindo com seus artigos e ensaios, pois esse Grupo de Estudos e sua Revista representam um espaço de produção de conhecimento, que suscita diversas maneiras de pensar-agir *do* e *no* campo da Arteducação. É, pois, uma espécie de fórum sempre aberto aos diálogos e questionamentos entre a Arte e a Educação.

Anúncio que tentarei perseguir neste ensaio-presente um tom reflexivo, nas proximidades de uma abordagem autorreflexiva, longe de certezas – Espero! Afinal, pretender refletir sobre um determinado tema é uma tarefa que exige retomar a seguinte ideia socrática: “Só sei que nada sei.” Por isso, explico: o que compreendo como um tom reflexivo e auto reflexivo não pode negligenciar as palavras de Sócrates,

aqui interpretadas por Franklin Leopoldo e Silva (2011, p. 26), no ensaio “SÓCRATES: Uma Vida Sem Exame Não É Digna”. Observem, por isso, a seguir a belíssima reelaboração do pensamento socrático feita pelo filósofo brasileiro:

Para que a verdade se manifeste, é preciso então superar as aparências e as opiniões que povoam a superfície de nós mesmos, para que algo venha a nascer a partir da alma. É nesse sentido que Sócrates compara sua função à da parteira, e a interrogação filosófica, que busca fazer nascer a verdade, ao parto.

O pensamento de Sócrates, elaborado em outros tempos, nos indica o caminho do questionamento, sua famosa frase – “Só sei que nada sei.”, – alimenta nossas buscas de libertação da ignorância. Tal atitude, exige conforme Leopoldo e Silva (2011, p. 34), compreender que: “Aquele que vive sem estar atento a si, vive longe de si e, conseqüentemente longe dos outros[...]”. Por tais razões o tom reflexivo e autorreflexivo.

Aviso, também, que venho estudando no pensamento de Ana Mae Barbosa as referências às ideias pós-colonialistas, porque tenho gravado em minha memória o nome de Frantz Fanon (1925-1961), citado no livro *Tópicos Utópicos* (1998), no capítulo “Arte-educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular”. Nesse desafiador texto a autora elabora uma cartografia da Arteducação brasileira até aquele momento, mas com muitas projeções que avistamos na Arteducação dos dias de hoje. E foi por essa deferência a Fanon, que busquei estudá-lo. A partir daí, encontrei a conexão entre Fanon e Ana Mae Barbosa, o que se deu por meio de uma forte influência, muito provavelmente vindo do pensamento de Paulo Freire (1921-1997), que era um estudioso de Fanon e nomeado por Ana Mae Barbosa como seu “pai intelectual”.

Considero, *Tópicos Utópicos* (1998), um marco no campo da Arteducação nacional, por ser uma grande referência para os estudos pós-colonialistas. A partir dessa obra nasceu meu desejo de estudar as relações marcadas pelo *mando* e pela *obediência* entre os diversos sujeitos sociais e culturais, que vivem e convivem em nosso meio, tendo como referência a história da Arteducação. Fato que me levou a

seguinte compreensão: sendo relações assinaladas pelo mando-obediência, tais relações estabelecem quem são os sujeitos de poder e quem são os sujeitos que devem obedecer.

Nesse contexto – de relações assimétricas entre quem manda e quem obedece – são forjadas as epistemologias. Dando seguimento a uma cadeia que estabelece quem tem direito aos saberes instituídos socialmente – saber = poder – e quem deve viver a margem de tais saberes-poderes. Alertava-nos sobre a produção artística de minorias pobres, em meados dos anos de 1990, na obra em destaque, Ana Mae Barbosa (1998, p. 87), dizendo: “Tudo que é feito pelo pobre é artesanato e não arte; isso é o pensamento vigente”.

Relembro, que naquele momento histórico, fomos levados a enfrentar o debate sobre os conceitos de Multiculturalismo e de Interculturalismo, debate em que a produção teórica de Ivone Mendes Richter e Ana Mae Barbosa, por exemplo, representou um dos pontos mais fortes. O livro de Richter, *Interculturalidade e Estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais* (2003) e a organização de Barbosa, *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte* (2002), assim como o já citado *Tópicos Utópicos* (1998), são até hoje significativos registros sobre as questões pós-coloniais estudadas, naquele momento, pela ótica Multintercultural.

É importante aqui ressaltar que atualmente venho pesquisando as relações entre a obra *Tópicos Utópicos* (1998) e *Redesenhando o Desenho: educadores, política e história* (2005), tentando analisar as ênfases do pensamento pós-colonialista nos dois livros, além de buscar estabelecer entre eles pontos de complementação e pontos de ruptura. Tema que será desenvolvido em um estudo de pós-doutorado (previsto e sonhado para 2019).

Do ponto de vista da Arte, este ensaio foi profundamente afetado pelo trabalho da dupla Maurício Dias & Walter Riedweg, refiro-me a videoinstalação elaborada por eles e nomeada: “Nada Absolutamente Nada” (disponível no YouTube). A identificação com esses artistas deve-se ao fato deles trazerem para a cena da arte,

a vida de pessoas que vivem fora dos códigos do poder. São identidades que não fazem parte do mundo “colonizado”, diria até que são identidades apagadas – propositalmente – pelos códigos do poder colonizador.

Sobre os trabalhos da dupla de artistas diz a psicanalista e crítica cultural Suely Rolnik (2008, p. 58), no texto “Alteridade a céu aberto – O laboratório poético-político de Maurício Dias & Walter Riedweg”, que:

Os mundos nos quais operam situam-se às margens do universo supostamente garantido do capitalismo mundial integrado; são excrescências produzidas pela própria lógica do regime. Uma barreira imaginária separa os habitantes destes mundos, os quais têm sua consistência própria ignorada e encoberta por identidades-estigma, imagens fantasmagóricas por meio das quais são representados[...]. Isso faz com que lhes seja atribuído o lugar de subjetividades-lixo na hierarquia que rege a distribuição de categorias humanas nos mapas perversos deste regime – mapas geopolíticos e [...] cartografias de cores de pele, estilos de vida, códigos de comportamento, classes de consumo, línguas, sotaques, faixas de frequência cultural, etc.

Arte, Filosofia e Ciência no tempo das incertezas... um pouco de história...

O texto de Gallo levou-me para outro ponto de vista, com o qual compartilho, e que é um desdobramento do primeiro, que relembro a seguir: “O paradigma estético permite-nos perceber a educação como arte [...]”. Acrescento a esse ponto de vista a crítica de Gallo ao entendimento (muito difundido no campo da Pedagogia) de que a educação é ciência. Sobre a ciência, adverte criticamente, o filósofo (2017, p. 169):

[...] a emergência e sucessiva abrangência do conhecimento científico representou uma profunda revisão no estatuto epistemológico de todos os saberes, processo que culminou com o positivismo comteano no século XIX. A ciência aos poucos foi-se constituindo no único e confiável critério de verdade, o que acabou por fazer dela, além da deusa-guia da humanidade – como quis Comte – também a juíza maior no tribunal do saber.

O trabalho da dupla Dias & Riedweg coloca sob suspeita nossas pobres certezas e indica o caminho da Alteridade.

Figura 1 – Trailer 1 "NADA ABSOLUTAMENTE NADA", de Dias & Riedweg na Casa Daros



Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/NU4lo3MGAT8/maxresdefault.jpg>

Frente à metáfora crítica da ciência como – “[...] a juíza maior no tribunal do saber”, – construída pelo filósofo, ressalto: penso que o ponto de vista de Gallo não nos encaminha para criar uma ingênua rivalidade entre à ciência, à arte e à filosofia. Ao contrário, o filósofo propõe uma relação de reciprocidade entre as dimensões – estética, ética, política, filosófica e científica –, pois assim o próprio gesto de educar e educar-se, como construção do conhecimento, ganha maior significação e abrangência.

De fato, ele nos lembra de um momento da história da filosofia – o Positivismo –, que reaparece no âmbito da educação, sob o pretexto de atribuir a identificação dessa com a ciência, para justificar sua credibilidade. Assim, a educação ao ganhar *status* de ciência, torna suas epistemologias mais seguras e respeitadas, justamente porque há ainda quem pense a ciência como a *juíza maior no tribunal do saber* – a ciência é a partir dessa perspectiva a detentora do saber... e tem poder!

Enquanto, nesses tempos marcados pelas teorias pós, as epistemologias da filosofia, da arte, e de vertentes da ciência, por exemplo, como a física a partir do

Princípio da Incerteza, apresentado à comunidade científica em 1927, pelo físico alemão Werner Heisenberg (1901-1976), admite a queda das grandes narrativas que pretendiam sistematizar e classificar o(s) conhecimento(s) para exercer o poder por meio do saber. O próprio Princípio da Incerteza, como conhecimento científico, põe em xeque a ideia de ciência como a *juíza maior no tribunal do saber* e consequentemente a noção de verdade absoluta.

O Princípio da Incerteza, nesse sentido, impõe refletir sobre o gesto de aprender. Busco em Gilles Deleuze (1925-1995), (1988, p. 159, grifos do autor), filósofo que trabalhou com Guattari e que é estudado por Gallo, seu pensar sobre o gesto de aprender:

Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender – que amores tornam alguém bom em Latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. Os limites das faculdades se encaixam uns nos outros sob a forma quebrada daquilo que traz e transmite a diferença. Não há método para encontrar tesouros nem aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou *paideia* que percorre inteiramente todo o indivíduo [...]. O método é o meio de saber quem regula a colaboração de todas as faculdades; além disso, ele é a manifestação de um senso comum ou a realidade de uma *Cogitatio natura*, pressupondo uma boa vontade como uma “decisão premeditada” do pensador. Mas a cultura é o movimento de aprender, a aventura do involuntário, encadeando uma sensibilidade, uma memória, depois um pensamento, com todas as violências e crueldades necessárias, dizia Nietzsche, justamente para “adestrar um povo de pensadores”, “adestrar o espírito”.

Tal posição sobre o gesto de aprender (e apreender) elaborada por Deleuze em muito se aproxima do Princípio da Incerteza, pois aprender/apreender é, como enfatiza o filósofo francês, algo que foge ao controle, enfrenta a vigilância e gera maneiras de *resistir*. Aprender/apreender, portanto, é um gesto que nos impõe lidar com a *incerteza*, com a instabilidade e com uma espécie de susto frente ao que ainda não foi classificado pelo mundo instituído da razão. Aqui lembro o que diz Gilbert Hottois (2008, p.548), no livro, *Do Renascimento à Pós-Modernidade: uma história da filosofia moderna e contemporânea*, sobre o pensamento deleuziano: “[...] o real, para Deleuze, é tão fugidio e instável, móvel e imprevisível, como a linguagem: ele é *devenir*, radicalmente. ”

Também é bom, nessa paisagem, enfatizar as palavras de Rafael Haddock-Lobo (2010, p. 10, grifos do autor):

[...] os chamados filósofos “pós-modernos” [...] são herdeiros de um mundo fragmentado, marcado pela queda dos grandes discursos e das grandes pretensões de sistematização, [...]. O que parece interessante aqui sublinhar é que em Foucault, Deleuze e Derrida, a sombra nietzschiana torna-se bem mais distinta do que as impressões marxistas [...]. E esse “retorno a Nietzsche” marca justamente o tempo em que as grandes narrativas perdem seu sentido.

Assim, os autores pós-tudo se identificam mais com as ideias de Friedrich Nietzsche (1844-1900) do que com as ideias marxistas, como ressalta Haddock-Lobo.

Desde então, a arte e a filosofia e uma certa concepção de ciência, com seus modos plurais e “não ortodoxos” de construir conhecimentos abertos buscam questionar as certezas e os dogmas. Com relação a Arte, complementa Haddock-Lobo (2010, p. 10): “[...] talvez, o que se deva aprender com a arte é não mais sistematizá-la ou classificá-la, mas justamente o contrário: a possibilidade de conviver com o precário [...]”. Para o filósofo, assim, estaremos muito mais perto do real.

Volto ao pensamento de Gallo, isto é, ao seu argumento: “O paradigma estético permite-nos perceber a educação como arte [...]” para colocá-lo em diálogo com o pensamento de seu contemporâneo português, Boaventura de Souza Santos, pois esse estuda a ciência e as epistemologias de uma perspectiva, também, filosófica e voltada para uma crítica ao colonialismo. Para tanto, é importante a leitura de sua emblemática obra, *Um Discurso sobre as Ciências* (2010, p. 55, 56), da qual saliento um trecho em que se evidencia sua postura com relação à ciência moderna, indicando a concepção de ciência pós-moderna. Diz, Santos:

A ciência moderna produz conhecimentos e desconhecimentos. Se faz do cientista um ignorante especializado faz do cidadão comum um ignorante generalizado. Ao contrário, a ciência pós-moderna sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional. Tenta, pois, dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas.

O autor português segue sua argumentação acrescentando que o conhecimento do senso comum, tido como um conhecimento *vulgar* é importante, pois por meio desse orientamos nossas ações na vida prática. A partir dessa compreensão, desfazem-se as fronteiras entre os saberes populares e os saberes eruditos, fato que repercute no campo mais amplo da Arte, mas muito enfaticamente no campo da Arteducação, porque estudar as fronteiras que demarcam os limites entre a arte e a cultura erudita e a arte e a cultura popular caracterizam-se como um problema que põem em xeque o pensamento colonialista.

O próprio Boaventura (2016, p. 18), em sua obra mais recente, *A Difícil Democracia: reinventar as esquerdas*, salienta com relação aos povos indígenas e as populações afrodescendentes, que,

[...] a inclusão democrática pressupõe o questionamento da identidade que lhes é atribuída externamente por um estado colonial ou por um estado autoritário e discriminatório; os limites da representação só são superáveis na medida em que a democracia representativa se articula a democracia participativa; os movimentos sociais, pela intensidade que emprestam às reivindicações temáticas, têm sido fundamentais para renovar a agenda política e, desse modo, ampliar significativamente o campo do político, pelo que os partidos, os políticos e os movimentos sociais devem encontrar formas de articulação no respeito das respectivas autonomias; a democracia não se reduz ao procedimento, às igualdades formais, e aos direitos cívicos e políticos, pois por via deles nunca foi possível estender as potencialidades distributivas, tanto simbólicas como matérias...

O pensamento colonialista, como aponta Santos, assim como reparte os bens econômicos reparte os bens simbólicos, isto é, reparte esses de maneira desigual. Essa desigualdade no campo da cultura estabelece quem tem direito a *fazer* arte e a *pensar* sobre a arte, ou seja, quem tem direito aos bens simbólicos. Não é por acaso que no final dos anos de 1990, Ana Mae Barbosa (1998, p. 86) tenha escrito em tom de crítica:

Na América Latina, o medo que os pobres têm de entrar num museu foi discutido por Nestor Garcia Canclini e Paulo Freire. O pobre se envergonha ao ser confrontado com sua própria ignorância. Entretanto, se eles conseguem coragem para entrar nos museus, eles são conquistados [...].

De maneira muito enfática, o tom crítico da arteducadora, marcou a sua gestão como diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP – (1987-1993), gestão assinalada pelo comprometimento em democratizar o universo das Artes Visuais, respeitando e valorizando as relações interculturais, ou seja, relações nas quais artistas de diferentes culturas expuseram para um público, também, de diversas culturas.

Tal atitude foi vista por muitos dos detentores do poder do sistema da arte como uma espécie de heresia, pois abrir o MAC/USP, como espaço de estudo para as crianças, os jovens e os arteducadores da escola da rede municipal de São Paulo era uma atitude, que parecia corresponder para integrantes desse sistema, como uma espécie de “pecado mortal”. Por que dessacralizar a Arte? Por que tornar acessível um bem simbólico tão caro? Os autoproclamados “donos e defensores” da Arte pareciam ver seus poderes abalados pela gestão da arteducadora.

Volto a Santos (2016, p.180), para identificar o princípio descolonizador, que norteou a gestão de Ana Mae Barbosa no MAC-USP:

Descolonizar significa erradicar das relações sociais a autorização para dominar os outros sob o pretexto de que são inferiores: porque são mulheres, porque têm uma cor de pele diferente ou porque pertencem a uma religião distinta.

A gestão de Ana Mae Barbosa, assim, institui o MAC/USP como o espaço arteducativo em que se pesquisou sobre a *Leitura da Imagem*. Esse museu pode ser pensado como o local privilegiado que possibilitou gerar a Teoria de Interpretação da Imagem, nomeada de Abordagem Triangular. Portanto, não é por acaso, reconhecermos hoje, que essa teoria possibilitou a Virada Arteducativa e que tal Virada vem provocando inquietações e mudanças, muito significativas, no campo da Arteducação de nosso país.

Uma dessas mudanças é, pois, pensar o Museu e demais espaços culturais como uma grande escola que se proponha a ARTEDUCAR...e, por isso, temos que buscar compreender as relações entre colonizadores e colonizados. Ana Mae

Barbosa (2015, p. 21), de certo modo, traduzindo em sua produção teórico-filosófica uma postura crítica quanto aos impasses entre o pensamento colonialista e o pensamento pós-colonialista, e entre o pensamento modernista e pensamento pós-modernista, destaca:

O conceito de Arte se ampliou, se contorceu e se viu interligado à cultura. Ensinar Arte não era mais só fazer Atividades Artísticas, mas falar sobre Arte, ver Arte, valorizar a imagem como campo de conhecimento, acolher todas as mídias, considerar as diferenças e os contextos. Acordamos para a narrativa feminina, para o multiculturalismo, o interculturalismo, os estudos culturais, os estudos visuais, a cultura visual, a ecologia, os valores comunitários, a rua, a realidade virtual, a potência das tecnologias contemporâneas etc.

O que nos leva a não se contentar com o óbvio...

Figura 2 – Os participantes de ‘Nada Absolutamente Nada’, obra de Maurício Dias & Walter Riedweg no setor desativado da Casa Daros



Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/dias-riedweg-exibem-na-casa-daros-trabalho-que-relaciona-loucura-literatura-17262667>

Com uma clara intenção de enfatizar a postura de nossa filósofa da Arteducação – Ana Mae Barbosa – saliento, a seguir, a continuação da citação, em destaque na seção anterior, por mim sublinhada (em itálico), pois este fragmento-síntese do pensamento de Barbosa (2015) relaciono com o trabalho de Maurício Dias

& Walter Riedweg. Refiro-me, novamente, a videoinstalação elaborada por eles e nomeada: “Nada Absolutamente Nada” (disponível no YouTube),

Desprezamos a ansiedade por vanguarda, a homogeneização do capitalismo, o controle hegemônico do sistema das artes, o colonialismo cultural, o poder dos museus e reconquistamos para a Arte o afeto e o prazer.

A partir do impacto provocado pela obra em destaque de Dias & Riedweg, busquei estabelecer uma articulação entre o pensamento de Gallo (2017) com o de Santos (2010) e com o de Ana Mae Barbosa (2015), o que gerou a seguinte reflexão: nenhuma forma de conhecimento – seja esse filosófico, ou artístico, ou científico – se sustenta se não buscarmos estabelecer diálogos entre variadas maneiras de interpretação “daquilo” que queremos conhecer. De certo modo, isso nos leva a epistemologias plurais, marcadas não pela arrogância da fé em uma verdade única e incontestável, mas em uma atitude assinalada pelo gesto de questionar o que buscamos conhecer, sabendo de antemão que não há a última palavra, pois o que produzimos como conhecimento é apenas um momento de visão sobre algo, sujeito a revisões e reconceituações – jamais a palavra final. Para tanto, basta lembrarmos das palavras de Sócrates: “*Só sei que nada sei*”. O que não significa desânimo ou preguiça diante do desafio de conhecer, significa ao contrário, questionar, buscar saber mais, isto é, não se contentar com o óbvio. Cabe, portanto, neste momento, trazer uma interpretação do pensamento socrático, produzida por outro de seus estudiosos, refiro-me a Walter Omar Kohan (2011, p. 70), que diz:

[...] o filosofar [para Sócrates] aparece como um mandato que dita uma maneira de viver. O filosofar socrático não se apresenta com uma origem humana, nem sequer como um desejo do próprio Sócrates. Ele o diz explicitamente: tem uma relação involuntária [...] com a sua arte.

E complementa:

Trata-se de um estilo de vida que não aceita condições, que vale em si mesmo como um princípio com base no qual se abrem certos sentidos, mas que não pode ser negociado, regateado, restringido, sequer dominado pela vontade. Nesse modo de vida, filosofar consiste em examinar, submeter a exame, a si mesmo e aos outros.

Assim sendo, não precisamos estabelecer rivalidades entre os grandes campos de conhecimento da humanidade – arte, filosofia e ciência –, o que necessitamos urgentemente é buscar viver e conviver com o precário, o fragmentado, o incerto, sabendo que nossas buscas de produzir sentidos, por meio do gesto de filosofar, para a realidade são apenas buscas, por mais completas e complexas que sejam. E essas, conforme Sócrates, carecem, sempre, de serem examinadas.

Tais questões levaram-me a reler o texto de Guattari (2012), e volto a esse, ainda mais encantado com a reflexão de Gallo sobre o quarto capítulo – “O Novo Paradigma Estético”. Confesso: é um prazer tão grande reestudar um texto pelo pensar de quem interpreta um conhecimento guiado pela curiosidade de conhecer, pela quase descoberta, porque o gesto de buscar conhecer é provavelmente um poço sem fundo, um caos sempre a refazer-se, alimentado pela busca de examinar.

Tal reflexão empurra-me para o pensamento de Deleuze e Guattari (2005, p. 260/261; grifos dos autores), isto é, a obra *O Que é Filosofia?* Nessa, dizem eles, no trecho – Do Caos² ao Cérebro:

A filosofia, a ciência e a arte querem que rasguemos o firmamento e que mergulhemos no caos. Só o venceremos a este preço. [...]. A luta com o caos, que Cézanne e Klee mostraram em ato na pintura, no coração da pintura, se encontra de uma outra maneira na ciência, na filosofia: trata-se sempre de vencer o caos por um plano secante que o atravessa. [...] As próprias equações matemáticas não desfrutam de uma tranquila certeza que seria como a sanção de uma opinião científica dominante, mas saem de um abismo que faz o matemático “salte de pés juntos sobre os cálculos”, que preveja que não pode efetuar-los e não chega a verdade sem “se chocar de um lado e do outro”. E o pensamento filosófico não reúne seus conceitos na amizade, sem ser ainda atravessado por uma fissura que os reconduz ao ódio ou os dispersa no caos coexistente, onde é preciso retomá-los, pesquisá-los, dar um salto. É como se se jogasse uma rede, mas o pescador arrisca-se sempre a ser arrastado e de se encontrar em pleno mar, quando acreditava chegar ao porto.

² Diz Emanuel Carneiro Leão na apresentação do livro *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein (2009, p.8, grifo do autor). “A palavra grega ‘caos’ tem o mesmo radical do verbo *chasko*, que nos remete para a experiência de manter-se continuamente abrindo-se, de estar, portanto, sempre em aberto. Diz o hiato do ser, o abismo hiante da realidade que é, no sentido transitivo de fazer ser e realizar. Todo real se instala e se sustém num advento desta realidade que se abisma no hiato sem limites nem discriminações, sem ordens nem desordens de todas as possibilidades e impossibilidades.

O GEARTE, como grupo de estudos e sua revista como local de produção e divulgação de pensamento sistematizado em Arteducação, traduzem o que afirma Gallo: “O paradigma estético permite-nos perceber a educação como arte ...”. E aponta, como convém ao pensamento reflexivo e autorreflexivo (por ser filosófico), o arriscasse, próprio do gesto de pesquisar como experiência criadora... isso é tão bonito e poético, como por exemplo no poema “O Cão sem Plumas” de João Cabral de Melo Neto:

“Como todo o real
é espesso.
Aquele rio
é espesso e real.
Como uma maçã
é espessa.
Como um cachorro
é mais espesso do que uma maçã.

Como é mais espesso
o sangue do cachorro
do que o próprio cachorro.
Como é mais espesso
um homem
do que o sangue de um cachorro.
Como é muito mais espesso
o sangue de um homem
do que o sonho de um homem.”

Enfim, esse “sangue”, pode contaminar os sonhos das novas gerações de arteducadores?

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *Redesenhando o Desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.
- BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- DELEUZE, Gilles e GUATARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GALLO, Silvio. A Filosofia e a Formação do Educador: desafios para as licenciaturas. In: BANNELL, Ralph Ings. *Filosofia da Educação: entre a formação de educadores e a qualificação profissional*. São Paulo: Cortez, 2017.
- GALLO, Silvio. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. (Org.). *Os Filósofos e a Arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- HOTTOIS, Gilbert. *Do Renascimento à Pós-modernidade: uma história da filosofia moderna e contemporânea*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2008.
- KOHAN, Walter Omar. *Sócrates e a Educação: o enigma da filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Apresentação. In: WITTGENSTEIN, Ludving. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1999.

ROLNIK, Suely Belinha. Alteridade a céu aberto. In: A Vida em Cena. FONSECA, Tânia Galli, PERBART, Peter Pál e ENGELMAN (Orgs.). *A Vida em Cena*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Dificil Democracia: Reinventar as esquerdas*. São Paulo: Boitempo, 2016.

SILVA, Franklin Leopoldo. *O Conhecimento de Si*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2011.

Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em Artes pela Universidade de São Paulo (USP), especialista, em Ensino da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), especialista em Artes Cênicas pela UFPE e graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Professor do curso de Pedagogia no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte – GEARTE/UFRGS/CNPq.

E-mail: f_azevedo@hotmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6665135954352936>

Recebido em 27 de novembro de 2018

Aceito em 18 de janeiro de 2019